

MINHA EXPERIÊNCIA NO PET - HISTÓRIA

Luiz Guilherme de O. Sebrenski

Na Universidade Estadual do Centro-Oeste existem vários programas que possibilitam aos estudantes uma maior experiência dentro da própria instituição, permitindo que os discentes ampliem suas relações acadêmicas. Diante das opções que possibilitam tal vivência ampliada, fala-se aqui em específico do Programa de Educação Tutorial, PET.

O programa, via de regra, dialoga com o curso e prima por atender o tripé universitário, pensando a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

Assim como outros projetos, o PET se configura como um programa financiado pelo Governo Federal Brasileiro e possui ligação direta com as universidades que o ofertam. Por se tratar de um projeto de nível nacional, o programa é abrigado pela Secretaria de Ensino Superior, do Ministério da Educação, SESu/MEC. O PET HISTÓRIA, seguindo as premissas do Programa como um todo, desenvolve suas próprias atividades, como oficinas didáticas, aulas para a rede básica de ensino e também para cursos preparatórios para os vestibulares, projetos de pesquisas, palestras e mesas-redondas com profissionais especializados e eventos de grande, médio e pequeno porte, dentre outras atividades. Porém, isso não significa que o programa seja totalmente independente do departamento, havendo colaboração e parceria com outros braços da comunidade acadêmica.

Os “petianos”, como são chamados pelos professores (as) tutores (as) e por outros que também colaboram com os grupos, em sua maior parte são bolsistas e recebem para participar do Programa. Também existem vagas para discentes voluntários, quando as bolsas destinadas já estão ocupadas.

Ao se submeter à seleção para o programa, que acontece geralmente no início do ano acadêmico, sempre por meio de editais vinculados ao departamento do curso em específico, o estudante deve realizar uma prova. Após a avaliação escrita, ocorre a entrevista com o (a) professor (a) tutor (a) do respectivo grupo PET, contando também com a presença de alguns “petianos” mais experientes e professor do departamento. Depois dessas etapas a divulgação dos aprovados é feita novamente por meio de um edital e os alunos são então convocados.

Como um estudante de História bem entende, é sabido que nem todos podem ter essa mesma oportunidade. Cada qual possui a sua própria realidade, cada contexto é específico. Porém, costumo pensar que, talvez o maior ganho que um estudante possa ter ao participar de um programa como o PET-História, além do conhecimento propriamente dito, da experiência de organizar e apresentar eventos, de preparar e ministrar aulas, de debater semanalmente

textos cientificamente importantes, de ampliar o seu currículo lattes, de criar novos projetos, de desenvolver sua própria pesquisa sozinho (Iniciação Científica) ou em grupo (Extensão Universitária), talvez o que mais valha a pena seja realmente a possibilidade de viver a universidade de uma outra forma e ampliar os horizontes de ideias e experiências. Dessa maneira, o estudante participante do programa não fica preso (a) ao curso, que também é muito importante, mas consegue aumentar a sua rede de contatos com outros (as) professores (as), com estudantes de outros cursos, com departamentos, buscando a interdisciplinaridade.

As atividades que os petianos devem exercer enquanto bolsistas ou voluntários são amplas, abrangendo uma variedade muito grande de trabalhos e consequentemente uma quantidade considerável de tempo que deve ser reservado para todos os projetos do grupo. Tais projetos são elencados e debatidos democraticamente por todo o grupo, incluindo bolsistas, voluntários e o professor (a) tutor (a). Esse debate inicial é muito importante, pois é através dele que é definido o restante da programação do ano letivo. Todos os projetos são previamente apresentados pelo professor (a) tutor (a), que é o encarregado de guiar as futuras discussões. Alguns projetos podem ser considerados “fixos”, visto o sucesso em termos de presença de público e qualidade que se recebe quando são propostos, outros podem ser remanejados ou readaptados como aconteceu nos anos em que a pandemia causada pelo COVID-19 se intensificou. Porém, novas ideias para novos projetos são sempre bem aceitas e incentivadas, já que cada contexto exige uma nova dinâmica.

Um dos Projetos de Extensão que mais ganhou visibilidade e atenção de todos os grupos que formaram o PET-História UNICENTRO ao longo desses últimos 5 anos é o chamado “LEMBRANÇAS DE OUTRORA”. Esse projeto atualmente se encontra em sua fase final de execução, faltando somente alguns pormenores para que seja oficialmente concluído. A atividade consistiu em várias fases que marcaram definitivamente a vida acadêmica de cada um dos (as) envolvidos (as) e tentarei aqui rememorar em poucas palavras alguns desses processos.

Basicamente, a ideia principal do projeto consistiu em proporcionar uma discussão ampliada sobre o processo de envelhecimento no Brasil. Ampliada, já que o projeto não ficou restrito somente ao grupo PET-História e contou com a participação valiosíssima dos alunos da UNATI, também da UNICENTRO, que se disponibilizaram a contribuir com as discussões, sempre com energia, amor, carinho e muitas risadas. Sem a participação da UNATI, talvez esse projeto não fosse possível, já que elas formaram parte essencial do nosso estudo. Mas afinal, o que é a UNATI?

A UNATI é um programa de extensão universitária que existe em algumas universidades do país, e a sua sigla significa: Universidade Aberta à Terceira Idade.

Esse grupo muito específico conta com a participação de uma comunidade idosa que frequenta algumas instituições acadêmicas, participando de várias atividades culturais que envolvem muita história, educação, música e movimentos corporais, dentre outros, promovendo assim um melhor bem-estar social para todos os participantes desse respectivo grupo.

Na UNICENTRO o projeto acontece de forma muito parecida e é coordenado pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, PROEC. No período do nosso projeto, a UNATI tinha à frente a professora Maria Regina da Silva Vargas.

Como já dito, um dos nossos objetivos enquanto organizadores (as) do projeto “LEMBRANÇAS DE OUTRORA”, além de buscar ampliar as discussões a respeito do processo de envelhecimento no Brasil, também foi o de promover a valorização dos idosos enquanto sujeitos históricos ativos (as) e participantes da História, criando conexões e diálogos entre os jovens acadêmicos e as pessoas idosas que também frequentam as universidades, dentro da perspectiva de construir uma educação gerontológica inclusiva e transformadora. O resultado final desse estudo é a própria revista a qual esse texto de abertura estará direcionado.

Antes de iniciarmos o projeto, foi necessário definir qual seria o nosso “eixo norteador”, que nada mais é do que, linhas de estudo ou um conjunto de temas que visam guiar, auxiliar e conduzir alguma determinada trilha ou caminho de aprendizagem para que se chegue a algumas definições fundamentais sobre um respectivo tema. Traduzindo, para estudar o processo de envelhecimento no Brasil e os seus variados caminhos, possibilidades e ramificações, definiu-se que, a nossa fundamentação teórica, os estudos que iriam nos auxiliar, já que não é possível realizar uma pesquisa acadêmica “do nada”, seriam os da História da Alimentação.

Foi então mediante os estudos da História da Alimentação que, o objetivo de acessar à memória dos idosos da UNATI, através de receitas culinárias que remetem a um passado afetivo, foram possíveis. Com isso, buscou-se conseguir um registro de História oral para que a pesquisa sobre o processo de envelhecimento no Brasil pudesse ter seu êxito. As leituras da História da Alimentação e Sociabilidades, embasadas a partir de autores como Michel de Certeau, Jean Louis-Flandrin, Massimo Montanari, Câmara Cascudo, Mary Del Priore, Débora Santos de Souza Oliveira e Carlos Roberto Antunes dos Santos, foram fundamentais no sentido de dialogar com nossas fontes. Somados ao fio condutor principal, também foram realizadas leituras sobre o processo de envelhecimento e da história do idoso no Brasil.

Importante ressaltar que, essas discussões teóricas contavam com a participação de professores (as) do Departamento de História da UNICENTRO e alguns nomes devem ser mencionados aqui quando se visa recapitular o projeto e também agradecer a quem esteve presente e contribuiu para a efetivação da atividade.

Além de claro, a professora tutora do grupo PET-História UNICENTRO, Márcia Terezinha Tembil, contamos com a presença das professoras Silvia Gomes Bento de Mello, Gilvana de Fátima Figueiredo Gomes, Rafael Gonçalves e Neli Maria Teleginski. O nosso muito obrigado por cada discussão, aula, atividade, mesa-redonda e orientação possível durante todo o projeto.

De forma concomitante às reflexões teóricas realizamos encontros com a UNATI, que consistiam em reuniões presenciais (2019 e início de 2020) e via google-meet (2020 a 2022) entre os “petianos” e os “unatianos”. Nesses compromissos, recheados de muita comida e animação, buscamos percorrer as memórias afetivas dos idosos, mediante conversas livres, entrevistas, compartilhamento de receitas, músicas e danças que remetiam ao passado desses agentes sociais e históricos, transformando as suas experiências e vivências em enredos da História.

Depois de muitos encontros e de ter coletado um número suficiente de “material bruto” (as entrevistas, conversas e receitas), passou-se para a fase da transcrição desses encontros. Esse contato com os “unatianos” proporcionado através do resgate das memórias afetivas que giravam em torno da alimentação foram registrados através de gravadores de celulares e dos notebooks, sempre com o consentimento do grupo da UNATI, e então transcritos para que fossem arquivados em um escrito de história oral e tutelado pelo Centro de Documentação e Memória da UNICENTRO, o CEDOC.

Através da História da Alimentação, a percepção histórica e cultural dos “petianos” e também da comunidade da UNATI foi alargada principalmente pela articulação possível entre as idosas da UNATI e os jovens do grupo PET-História UNICENTRO, deixando mais estreito os conhecimentos e práticas sobre a alimentação, além de possibilitar também uma construção valiosa a respeito das interpretações do presente e do passado, embasados nas vivências desses respectivos agentes. Por fim espera-se que, após a conclusão desse exaustivo e prazeroso trabalho sejam ampliadas às luzes com relação a História dos Idosos no Brasil, a valorização de seus papéis como agentes históricos de mudança, bem como um aumento considerável do volume de fontes históricas sobre a terceira idade que ficará aberta para toda a comunidade.